

O PRECONCEITO CONTRA OS TRABALHADORES RURAIS MIGRANTES DA CIDADE DE GUARIBA-SP

Micaela Martinho de Oliveira¹
Raquel Santos Sant'Ana²
Gustavo José de Toledo Pedroso³.

Introdução

Este estudo analisa o preconceito contra trabalhador rural migrante do município de Guariba-SP que vem para o município trabalhar na lavoura canavieira.

Guariba-SP recebe anualmente um grande contingente de migrantes em busca de emprego na agroindústria canavieira. Tais sujeitos, além de sofrerem com as degradantes condições de trabalho nas atividades desenvolvidas, são vítimas do preconceito da população “natural” de Guariba-SP, que os discriminam por sua origem.

Em busca de compreender essa realidade foram realizadas aproximações sobre o debate teórico referente ao preconceito, pautando-se principalmente nas análises de Heller (1986) e Horkeimer e Adorno (1973). Num segundo momento abordou-se os estudos referentes ao preconceito contra o migrante, utilizando-se de diversos autores (Silva 1999, Vettorassi 2008, Pinheiro 2011).

Dialogando com Heller (1986), compreende-se o caráter alienado do preconceito, que se mantém inabalado contra os argumentos da razão, ou seja, funda-se em bases descoladas do real. A autora salienta que majoritariamente nossos preconceitos têm um caráter social, ou seja, assimilamos os preconceitos do ambiente em que vivemos e o reproduzimos espontaneamente a partir dos casos concretos. Heller também (1986) discute a relação entre o preconceito e a manutenção da ordem social, porque, segundo a autora, o preconceito contribui para a manutenção do sistema hegemônico de desigualdade.

Horkeimer e Adorno (1973) consideram em suas análises sobre o preconceito, as estruturas psicológicas dos indivíduos preconceituosos. Ponderam os aspectos psicológicos não como fenômenos descolados da realidade, mas sim como

¹ Mestranda em Serviço Social, pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Email: micalamartinho@gmail.com

² Professora Doutora do curso de Serviço Social, na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Email: raquelssfranca@yahoo.com

³ Professor Doutor na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Email: gustavofilosofia1@gmail.com

manifestações sociais; em seus estudos tecem constroem uma crítica a influência da sociedade capitalista para a o crescimento do preconceito e de sistemas totalitário.

Os estudos sobre o preconceito ao migrante evidenciam os estereótipos negativos que lhe são destinados, como: violentos, baderneiros, sujos, “gente dos países do norte”. Outro ponto analisado é o isolamento geográfico e social ao qual são submetidos. (VETTORASSI 2007, SILVA 1999, PINHEIRO 2011)

A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas com cinco trabalhadores rurais migrantes e com um representante da pastoral do migrante. Buscou-se analisar nas falas dos sujeitos de pesquisa e, na realidade observada, as manifestações de preconceito contra os migrantes de Guariba-SP.

1. Preconceito ao migrante: aproximações das discussões teóricas

Heller (1985) compreende o preconceito como uma categoria fundamental do pensamento e do comportamento cotidiano. Essa relação se realiza devido às características da vida cotidiana, que tem como traços “o caráter momentâneo dos efeitos, a natureza efêmera das motivações e, a fixação repetitiva do ritmo, a rigidez do modo de vida. De forma análoga, é o pensamento cotidiano fixado na experiência, empírico e, ao mesmo tempo, ultrageneralizador” (HELLER, 1985, p.43).

À ultrageneralização segundo a autora é inerente a vida cotidiana e se realiza quando adotamos estereótipos, analogias e esquemas já elaborados ou quando estes nos são impingidos pelo meio em que vivemos. Heller (1985) aponta que a ultrageneralização é um juízo provisório, pois se antecipa à atividade possível que nem sempre encontra confirmação na prática e, mesmo assim, se coloca como um saber no cotidiano.

Os preconceitos são manifestações dos juízos provisórios falsos, “os juízos provisórios refutados pela ciência e por uma experiência cuidadosamente analisada, mas que se conservam inabalados contra os argumentos da razão, são preconceitos” (HELLER, 1985, p.47).

O preconceito tem em sua origem a estrutura pragmática do cotidiano caracterizada pela imediaticidade entre ação e pensamento que se expressa pela identificação entre o verdadeiro e o correto “o que revela ser correto, útil, o que oferece ao homem uma base de orientação e de ação no mundo, o que conduz ao êxito, é também verdadeiro” (HELLER, 1985, P.45). Heller (1985) aponta que o afeto do

preconceito é a fé, o que permite que o preconceito continue inabalado mesmo diante da experiência e do pensamento. A fé tem como reservas emocionais o ódio e o amor, que divide os preconceitos em dois grupos:

Em preconceitos positivos e preconceitos negativos, em preconceitos acerca da própria vida, nossa própria moral, nossos próprios preconceitos, nossa própria comunidade, nossas próprias idéias, e preconceitos referentes aos “demais” alienados e contrapostos a nós. Nesse último grupo o preconceito se deforma “para baixo” na escala de sentimentos. O preconceito, portanto, impede o encontro do “valor médio” aristotélico; jamais alcança a exata medida, tanto no que se refere à quantidade como a qualidade. (HELLER, 1985, p. 49)

Heller (1985) coloca que majoritariamente nossos preconceitos têm um caráter social, ou seja, assimilamos os preconceitos do ambiente em que vivemos e aplicamos espontaneamente, através de mediações a casos concretos. Os preconceitos, segundo a autora, servem para conciliar e manter a ordem social contribuindo para a manutenção do sistema hegemônico de desigualdade. A autora compreende que o preconceito é moralmente negativo, pois reduz a possibilidade de escolhas históricas dos indivíduos impedindo sua autonomia e liberdade, estigmatizando, hierarquizando e inferiorizando pessoas por sua raça, etnia, lugar de origem, religião, etc.

A maioria dos preconceitos é produto da classe dominante posto que ela precisa manter a coesão da estrutura social que lhe beneficia, buscando inclusive mobilizar em seu favor interesses antagônicos. A autora salienta que a burguesia é a classe que mais produz preconceitos, apesar de ter sido a primeira a combatê-los, fato que se deve não apenas a suas maiores possibilidades técnicas, mas principalmente a sua tentativa de universalizar a ideologia burguesa.

Partindo dessa análise compreende-se que o preconceito como um mecanismo fundamental para a manutenção e legitimação das desigualdades entre os sujeitos, o que é essencial para a manutenção da ordem social. O sistema capitalista beneficia-se do preconceito uma vez que esse impede a apreensão crítica da realidade onde o outro é visto como inimigo e inferior e não como igual o que por consequência, dificulta a identificação dos sujeitos de uma mesma classe que partilham das mesmas condições de vida e trabalho.

Essa questão pode ser melhor entendida por alguns exemplos: pelo preconceito de gênero onde o homem por entender que a mulher é “inferior” legitima os baixos salários e a dupla jornada como algo natural; pelo preconceito racial onde o negro não é

visto como semelhante, dessa forma não se questiona sua precária condição no mercado de trabalho; pelo preconceito ao migrante ao se culpar o mesmo pelo desemprego da cidade, ignorando assim os motivos estruturais do desemprego e da migração.

Se há um elemento paradoxal no preconceito é que ele nos impede de “ver” que “não vemos” e “o que não vemos”, ou seja, ele atua ocultando razões que justificam determinadas formas de inferiorização históricas, naturalizadas por mecanismos. Em outras palavras, o preconceito nos impede de identificar os limites de nossa própria percepção da realidade. (MACHADO; PRADO, 2008, p.67).

Os estudos de Horkheimer e Adorno (1973) compreendem o preconceito considerando também as estruturas psicológicas dos indivíduos preconceituosos. Essa análise entende os aspectos psicológicos como manifestações sociais. Para o autor, a psicologia humana se desenvolve de diferentes formas dependendo do contexto social o qual está inserida. Há contextos sociais que estimulam a união, a proximidade, o entendimento entre as pessoas; e há contextos que estimulam a divisão, o afastamento, o ódio, a desconfiança e o preconceito.

As reflexões desenvolvidas pelos pesquisadores demonstraram que na maioria das vezes as pessoas preconceituosas não tinham tido contato algum com os grupos para os quais destinavam seus preconceitos, ou até mesmo tinham experiências positivas com os membros desses grupos, o que demonstra que as queixas que realizam a esses grupos discriminados estavam baseadas em fantasias e não em conhecimentos, e experiências reais. Partindo dessa experiência pode-se considerar que o preconceito não é apenas uma opinião incorreta, mas fundamentalmente um processo psicológico, sendo assim, Adorno entende que os mecanismos psicológicos envolvidos deveriam ser analisados e identificados para serem combatidos.

Ponto fundamental levantado por Horkheimer e Adorno (1973) refere-se ao fato de que o crescimento do preconceito e de sistemas totalitários que o legitimam está relacionado ao contexto da sociedade capitalista onde, diante da insegurança frente um poder econômico cada vez mais desigual, as pessoas se vêem mais fragilizadas e tentam suprir esse sentimento através da aderência a focos sociais que representam o poder, buscando dessa forma se distinguir dos grupos sociais diferentes e desprotegidos.

È compreensível que o surgimento dos primeiros sistemas totalitários não possa ser explicado psicologicamente. Por detrás dos movimentos de inimigos da massa existem poderosos interesses políticos e econômicos; os adeptos desses movimentos, que se denominaram, não

por mera casualidade, *Gefolgschaft*(sequazes), não são, em absoluto, os seus verdadeiros representantes, se bem que na moderna sociedade de massa os beneficiários do movimento não possam prescindir de massa. Mas os estudos realizados oferecem-nos alguns conhecimentos sobre as características psíquicas inconscientes, em virtude das quais poderá obter o seu apoio uma política que contradiz os interesses racionalmente entendidos pela massa. Essas características psíquicas, por seu turno, são produto dos fenômenos contemporâneos tais como a desintegração da propriedade média, a crescente impossibilidade de uma existência econômica auto-suficiente, certas transformações na estrutura da família, e certos erros na direção da economia. As grandes leis do movimento social não regem por cima das cabeças dos indivíduos, realizando-se sempre por intermédio dos próprios indivíduos e de suas ações. A investigação sobre o preconceito tende a reconhecer a participação do momento psicológico nesse processo dinâmico em que operam o indivíduo e a sociedade. (HORKHEIMER;ADORNO 1973, p. 173-174).

O preconceito ao migrante, temática que perpassa essa pesquisa, foi identificada e analisada por diversos autores. Segundo pesquisa realizada por Silva (1999), que traz dados sobre a relação social entre os migrantes e residentes em municípios da região de Ribeirão Preto- SP, ficou constatado que os migrantes são estereotipados pela população “do lugar” como violentos, sujos, invasores, portadores de maus hábitos, são vistos como Baianada, Minerada, gente dos países do norte, “a referência aos estados do Nordeste, ao Vale do Jequitinhonha como países do Norte, traz as marcas da estranheza, do estrangeiro, impingidas a estes migrantes. São considerados ignorantes, atrasados, sem civilização” (SILVA, 1999,p.235).

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, imperativo, caricatural. É uma fala arrogante, de quem se considera superior ou está em posição de hegemonia, uma voz segura e auto-suficiente que se arroga no direito de dizer o que o outro é em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira, rápida e indiscriminada do grupo estranho; este é dito em poucas palavras, é reduzido a poucas qualidades que são ditas como sendo essenciais. O estereótipo é uma espécie de esboço rápido e negativo do que é o outro. Uma fala redutiva e reducionista, em que as diferenças e multiplicidades presentes no outro são apagadas em nome da fabricação de uma unidade superficial, de uma semelhança sem profundidade. O estereótipo pretende dizer a verdade do outro em poucas linhas e desenhar seu perfil em poucos traços, retirando dele qualquer complexidade, qualquer dissonância, qualquer contradição (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.13).

Os migrantes não ocupam os mesmos espaços de moradia, trabalho e lazer que os moradores do “lugar”. As moradias são precárias e afastadas dos centros, consideradas áreas violentas pelo fato de concentrarem principalmente migrantes. No

espaço de trabalho também há uma divisão entre os migrantes e moradores naturais da cidade. O lazer do migrante por sua vez fica restrito ao bairro onde mora, como demonstrado pela pesquisa de Vettorassi (2007): os migrantes evitam ir até mesmo ao centro da cidade, procurando dessa forma evitar uma discriminação mais intensa dos “nativos”.

No estudo realizado por Pinheiro (2011)⁴ é possível notar na fala do migrante entrevistado a manifestação de preconceito por ele vivenciado, expresso pelo olhar discriminatório quando o mesmo procura um espaço pra se divertir ou mesmo quando apenas está na rua:

Eu tenho vergonha de dançar sabe, é tipo assim, se tiver, eu to dançando, e tiver algum conhecido meu olhando eu já...já... paro mesmo [...] lá em Minas é diferente né, que lá todo mundo é conhecido [...] mas aqui é diferente né, muita gente, sei lá, fica olhando pra gente eu para na hora [...] ah, a gente vê na rua né, a gente sente né já olhando estranho. Só pelo olhar né, do jeito da pessoa, o ambiente que você chega também. Parecendo discriminação, não sei se é porque a gente trabalha na roça, talvez as pessoas, talvez aqui em Serrana as pessoas sejam mais metido né que eu falo. (Severino, 34 anos, cortador de cortador de cana migrante apud Pinheiro 2011, p.68).

O isolamento vivenciado pelo migrante é geralmente visto pelo senso comum como uma escolha livre. Partindo desse pressuposto entende-se que o próprio migrante espontaneamente restringe sua vida social à convivência com seus semelhantes (outros migrantes). Essa visão esconde o preconceito destinado a esses sujeitos, encontram no isolamento entre os seus uma forma de proteger-se do sofrimento causado por essa experiência.

O estereótipo de violento designado aos migrantes foi analisado por Vettorassi (2007). O município de Guariba-SP. é reconhecido nas cidades vizinhas e pelos próprios moradores como violento, e essa característica seria resultado da presença de um grande número de migrantes em seu território. Para compreender esse fato a pesquisadora analisou os processos criminais da comarca de Guariba. Nessa pesquisa pode constatar que os migrantes são responsáveis por uma parcela ínfima dos crimes registrados, o que demonstra que é infundada a imagem de violência que é conferida a essa população. Outro ponto desvelado na pesquisa refere-se ao fato que, na verdade,

⁴ A pesquisa realizada por Pinheiro (2011) analisou o fenômeno da migração interestadual e inter regional, e as condições de vida e trabalho dos migrantes da cidade de Serrana-SP.

Guariba não é uma cidade violenta, pois a proporção de crimes cometidos é baixa em relação ao porte da cidade.

Na pesquisa realizada por Pinheiro (2011) na cidade de Serrana a autora pode constatar por meio da realização de entrevista com os moradores residentes que os mesmos majoritariamente não tinham contato com os migrantes, e mesmo quando trabalhavam no mesmo espaço essa relação era distante. Como demonstrado na pesquisa e apontado por Adorno (1995) o preconceito é baseado em fantasias descoladas da realidade, uma vez que nem ao menos se conhece e convive com a vítima do preconceito.

2. O Trabalho no Corte de Cana: A barbárie travestida de modernidade!

“[...] vidas consumidas por exploração tão cruel
que custa acreditar que seus beneficiários são homens;
bestas seria o termo mais apropriado para designá-los”.
(Francisco de Oliveira).

Os migrantes, sujeitos dessa pesquisa, têm em comum sua inserção no mundo trabalho, que nessa região vai se realizar principalmente por meio da atividade no corte de cana. Compreender suas condições de trabalho é fundamental para apreendê-lo em sua totalidade, como sujeito inserido em uma sociedade de classes onde, o trabalho é fundante para a constituição do seu ser.

As condições de trabalho degradantes no corte de cana vêm sendo constantemente denunciadas por Organizações Não Governamentais (ONG'S), movimentos sociais, e pesquisadores. As relações de trabalho impostas ao trabalhador do corte de cana envolvem não somente violação de direitos trabalhistas, mas também a violação de seus direitos humanos.

As formas de exploração impostas levaram não só ao consumo da força de trabalho, mas dos próprios trabalhadores. Expressões como “no final da safra estou um bagaço”, “no final do dia o que eu mais quero é espichar o corpo”, “aos 40 anos, a gente não tem mais força” refletem o grau do consumo da força e do próprio trabalhador. (SILVA,1999,p.263-264).

O trabalho do cortador de cana é pago por produção. Segundo Alves (2006), Marx considerava essa forma de assalariamento uma das mais desumanas e perversas. O trabalhador diariamente leva o seu corpo ao máximo de esforço para garantir condições

mínimas de vida, comprometendo a conservação do único patrimônio que dispõe: o seu corpo, fonte de energia necessária ao trabalho (IAMAMOTO, 2001).

O trabalhador se torna tão mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (Sachenwelt) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (menschenwelt). O trabalho não produz só *mercadorias*; produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na proporção em que produz mercadorias em geral (MARX, 2010, p.80)

Silva (2009) ao descrever as condições de trabalho no corte de cana demonstra os motivos que levam um trabalhador de em média 40 anos, se tornar incapacitado pelo e para trabalho e, nos casos extremos (porém não raros), o leva a morte por exaustão nos eitos do canavial.

A situação no eito pode ser resumida pelas seguintes palavras: em 10 minutos um trabalhador derruba 400 quilos de cana, desfere 131 golpes de podão, faz 138 flexões de coluna, num ciclo médio de 5,6 segundos cada ação. O trabalho é feito em temperaturas acima de 27° c com muita fuligem no ar e ao final do dia terá ingerido mais de 7,8 litros de água, em média, desferido 3.792 golpes de podão e feito 3.994 flexões com rotação da coluna. A carga cardiovascular é alta, acima de 40%, e, em momentos de pico, os batimentos cardíacos chegam a 200 por minuto. A temperatura do cérebro de um cortador de cana, após as 13 horas em dias de muito calor pode chegar a 44 graus! Este é o significado do “quenturão” sentido pelo trabalhador “borrado” [...] (SILVA, 2009, p. 9, a).

A partir da década de 1990 houve um exorbitante aumento na produtividade do trabalho no corte de cana. Na década de 1980, um cortador de cana cortava em média 6 toneladas de cana diárias, atualmente necessita cortar 12 toneladas para manter-se empregado. Esse aumento frenético das toneladas cortadas que expressa um ritmo desumano de trabalho, é resultado das tecnologias empregadas na melhoria da cana de açúcar, que as tornaram mais leves, o que leva por consequência, o trabalhador a cortar mais e ganhar menos; e fundamentalmente, como analisado por Alves (2006), o aumento do número de trabalhadores disponíveis para o corte de cana. O crescimento na disponibilidade dessa mão de obra deveu-se:

- Aumento da mecanização do corte de cana.

- Aumento do desemprego geral causado por duas décadas de baixo desenvolvimento econômico.
- Expansão do desenvolvimento agrícola para regiões do cerrado, atingindo o sul do Piauí e pré-amazônia maranhense, destruindo as formas de reprodução da pequena propriedade agrícola familiar, predominante nestes estados, disponibilizando força de trabalho. (ALVES, 2006, p. 96)

Confirmando as questões levantadas por Alves destaca-se o fato que atualmente no estado de São Paulo, segundo dados da União da Indústria da Cana de Açúcar (ÚNICA), 65% do corte de cana já foi mecanizado (ÚNICA, 2012). Em relação à substituição do trabalho dos homens pelo trabalho das máquinas, algumas considerações são necessárias para a compreensão dessa realidade e sua apreensão a partir do contexto mais amplo, ou seja, o modo de produção capitalista.

[...] nos torna claro perceber o papel da otimização da produção, via utilização de maquinário, para a acumulação do capital. A substituição de trabalho-vivo por trabalho-morto não expressa, portanto, um fenômeno de caráter moral, mas uma imponderável necessidade do contraditório processo de acumulação capitalista. Para a classe trabalhadora, o conhecimento da natureza do processo de acumulação capitalista permite o entendimento de que o que desemprega, todavia, não é simplesmente a máquina ou o uso de determinada tecnologia, mas o processo que está por trás de seu emprego – a acumulação é ela que gera, no dizer de Marx, a chamada superpopulação relativa ou o conjunto de trabalhadores parcial ou temporariamente desempregados, que congrega o “exército industrial de reserva”, do qual nos ocuparemos mais adiante. (ORTIZ, 2005, p.5).

Outros fatores que propiciaram aumento da produtividade foram as mudanças no processo de seleção dos trabalhadores onde se busca um trabalhador mais jovem e forte que possa suportar por mais tempo a carga extenuante de trabalho, além da preferência por trabalhadores de regiões mais distantes do estado de São Paulo (norte de Minas, sul da Bahia, Maranhão e Piauí), pois esse trabalhador migrante por suas condições de vida tem menor condições de reivindicar seus direitos. O último fator salientado pelo autor é a implementação do período de experiência onde os trabalhadores que não atingirem a média de produção (atualmente 12 toneladas) são demitidos antes do fim do contrato.

Silva (2011) também salienta questões de ordem mais subjetiva para explicar a preferência das usinas pelos migrantes no corte da cana,. Segundo a autora, os seguintes fatores corroboram para essa escolha: os trabalhadores migrantes serem oriundos de um espaço onde predomina o autoritarismo e dominação exercido pelos latifundiários,

relações essas que assemelham-se ao escravismo e a sujeição; ligada a esse primeiro fator soma-se a visão dos empregadores que compreendem os migrantes como mais dóceis e obedientes ; o preconceito dos trabalhadores do “lugar” dirigido aos migrantes em virtude de sua origem geográfica, esse fator segmenta os trabalhadores o que dificulta a sua união e, por consequência, a sua organização para reivindicação de melhores condições de trabalho.

Pesquisas recentes de Alves (2006), Silva (1999), Iamamoto (2001), Tomaz (2002) demonstram que devido às condições de trabalho impostas nos canaviais é muito frequente a ocorrência de câibras, desmaios, vômitos, desidratação, dores intensas na coluna, alteração da pressão arterial, chegando à morte por exaustão. Segundo Silva (2013) no período de 2004 a 2011 foram registradas 24 mortes por exaustão no Estado de São Paulo, o que demonstra que a intensidade desumana do trabalho nos canaviais.

Três trabalhadores rurais morreram em regiões diferentes do interior de São Paulo, por causa do trabalho estafante. Um em Araçatuba, outro na região de Bauru e o terceiro em Palmas Paulista. O mais velho tinha menos de 34 anos de idade e quatro filhos. O trabalhador de Palmas Paulista (SP), em torno de quatro horas da tarde, depois de cortar 120 metros de cana crua, começou a sentir câimbras, dores no peito, tremedeiras, suores e em seguida morreu no meio do canavial, deixando mulher e quatro filhos órfãos na Bahia, na cidade de Caturama (Pastoral do Migrante, 2004 apud Silva, 2007, p.62).

Adelino dos Santos da Silva, 33 anos, solteiro, natural de Maceió-AL. Trabalhava na Usina Campreste, faleceu no dia 12 de agosto de 2009 na cidade de Avanhandava-SP. Causa da morte: Hemorragia digestiva. Foi sepultado em Messias-AL (Pastoral do Migrante, 2009 apud Pinheiros, 2011, p. 44).

Alves (2006) em seu estudo demonstra que as mortes nos canaviais acontecem em virtude do pagamento por produção, pois obriga os cortadores de cana a aumentarem excessivamente seu despendido de força e energia “que provoca ou a morte dos trabalhadores ou a perda precoce das capacidades laborativas” (ALVES, 2006 p. 90).

A pesquisa realizada por Sant’Ana (2012) constatou algumas mudanças na realidade de trabalho na agroindústria canavieira. Segundo esse estudo, atualmente os Equipamentos de Proteção Individual (EPI’s) estão mais presentes, são disponibilizados banheiros, local para refeição e realização de pausas para almoço e café. Os horários são respeitados: iniciam-se entre sete e oito da manhã e encerram-se

entre quinze ou dezesseis horas da tarde, havendo também aumento nos contratos formais o que estabiliza alguns direitos trabalhistas.

Essas mudanças nas condições de trabalho também foram verificadas na presente pesquisa⁵ onde os migrantes cortadores de cana relataram que atualmente estão tendo direito a parada durante o trabalho, banheiro químico, e hora determinada para parar o trabalho. O migrante Daniel⁶ descreve as paradas que agora são realizadas:

Agora tem as pausas: 9 horas tem 10 minutos ai, vai de novo 11 horas para pra almoçar. Aí, as duas horas de novo mais 10 minutos e três e quinze a gente vem embora. (Daniel, trabalhador rural migrante).

Tais melhorias nas condições de trabalho no corte de cana são resultados das reivindicações e denúncias dos trabalhadores, sindicatos, pesquisadores e Ong's, constituindo-se como um direito conquistado pelos trabalhadores. Apesar dessas mudanças apresentadas, os ambientes de trabalho continuam insalubres e arcaicos, o ritmo de produção permanece desumano, e o cortador de cana é demitido assim que demonstra sinal de adoecimento. Como analisado por Sant'Ana (2013) a forma mais comum de realizar o descarte é contratá-lo por safra e não admiti-lo na próxima, assim que é identificado o sinal de doença. As condições a que o trabalhador é submetido no corte de cana expressa a contradição da sociedade capitalista onde o lucro possui maior valor do que a vida do trabalhador.

A condição de classe do homem é um fator determinante em suas condições de vida, porém o trabalhador rural migrante traz em suas relações o agravante do preconceito que sofre por ser migrante. Nas entrevistas com os sujeitos dessa pesquisa o preconceito fica evidenciado como algo presente em suas vidas, tornando sua vivência ainda mais penosa do que dos outros trabalhadores do corte de cana.

3. O migrante de Guariba-SP

3.1 Expressão da contradição capital/trabalho: As condições de trabalho, e vida do trabalhador rural migrante.

⁵ Foram realizadas entrevistas semi- estruturadas com cinco cortadores de cana e um representante da pastoral do migrante. O representante da pastoral foi o mediador para o contato entre a pesquisadora e os sujeitos de pesquisa, os migrantes entrevistados são atendidos pelo serviço da pastoral.

⁶ Os nomes dos trabalhadores são fictícios de maneira a preservar suas identidades pessoais.

Foram entrevistados cinco migrantes da cidade de Guariba-SP: Olga (27 anos) do município de Timbiras- MA, Rosa (20 anos), de Coroatá-MA, Daniel (25 anos) de Timbira- MA, Miguel (27 anos) de Chapadinho-MA, e Gabriel (20 anos) de Coroatá-MA.

Todos os homens entrevistados trabalham no corte de cana. As duas mulheres entrevistadas vieram para a cidade de Guariba para acompanhar seus maridos e para trabalhar. Olga trabalhou quatro meses no corte de cana, mas atualmente está desempregada, Rosa está à procura de trabalho e a opção visualizada por ela é a atividade na citricultura por ser um serviço considerado como mais “leve”⁷, do que o corte de cana.

Os postos de trabalho ocupados por mulheres no corte da cana vêm diminuindo significativamente nos últimos 20 anos. Essa mudança é consequência do aumento da exigência de produtividade e da mecanização. Com um grande contingente de mão de obra disponível, as usinas têm condições de estabelecer critérios mais rígidos para contratação, buscando o trabalhador que mais produz e que resiste à intensa rotina de trabalho. Nessa conjuntura “Os rejeitados são as mulheres, consideradas frágeis, não adaptadas aos trabalhos pesados, e os acima de 30 anos, considerados incapazes. Aqueles, cuja atuação política remete em questão esse estado de coisas, também são descartados” (SILVA, 2010, p.37).

Indagados sobre as condições de trabalho no corte de cana, unanimemente os sujeitos de pesquisa responderam ser um trabalho cansativo e desgastante. O dia de trabalho começa antes de o sol nascer: as cinco da manhã os trabalhadores já estão acordados para arrumarem suas marmitas e seus pertences necessários ao corte de cana; as cinco e quarenta pegam o transporte que os leva para os canaviais, chegam neste

⁷ Apesar do trabalho na colheita da laranja ser considerado “mais leve”, esse também é baseado na super exploração e precarização da mão de obra. Segundo Silva (2010) o trabalho na citricultura se caracteriza: pela presença das falsas cooperativas, dos baixos salários, e da insalubridade, uma vez que a distribuição do veneno ocorre simultaneamente à colheita da laranja. Em virtude do veneno aplicado na laranja, é recorrente entre os trabalhadores a ocorrência de alergias, coceiras, inapetências, muita sede, e sensação de “boca seca”. O pagamento, assim como no corte da cana é realizado por produção, a medida utilizada para o pagamento é a quantidade de caixa colhida, porém é usada também a sacola de náilon, que como colocado pela trabalhadora entrevistada, alarga-se facilmente, sendo necessário no decorrer do dia completá-la novamente, o que ocasiona um maior despendido de trabalho não pago. As falsas cooperativas, citadas pela autora consistem em um mecanismo utilizado para destituir direitos historicamente conquistados pela classe trabalhadora, como a carteira assinada. As falsas cooperativas utilizam-se do discurso do trabalhador enquanto sócio, porém muitos “cooperados” não sabem nem sequer que participam da cooperativa. “No meio rural, os bóias frias muitas vezes nem sabiam que eram cooperados. Chegavam trabalhar 15 horas por dia sem qualquer benefício oferecido por uma cooperativa, como por exemplo, receber as sobras de dinheiro geradas em um ano” (folha de S. Paulo, 7 de abril de 2002, b3 apud Silva, 2010, p.38).

local aproximadamente sete da manhã; retornam da jornada de trabalho por volta das 16 horas.

Essa rotina era ainda mais intensa quando as mulheres não acompanhavam os maridos para Guariba-SP, porque após o dia de trabalho ainda realizavam o trabalho doméstico.

O dia a dia aqui não tem tempo pra nada, do serviço pra casa, é muito desgastante. O tempo aqui é mais curto, levanta a cinco horas, ai chega em casa tem vez que chega três tem vez que chega 4, não tem horário pra chegar já chega cansado, ainda bem que tem mulher agora pra fazer as coisas porque de primeiro era gente mesmo, chegava tinha que lavar roupa fazer janta. (Daniel, 25 anos, cortador de cana).

Faz-se necessário salientar que a mulher cortadora de cana sofre duplamente com a exploração do trabalho, porque depois de enfrentar o mesmo cotidiano descrito, ainda tem que cuidar dos afazeres domésticos. A sociabilidade capitalista utiliza-se do machismo para explorar ainda mais as mulheres: recebendo pouco, as famílias não têm condições de pagar outro trabalhador para cuidar das tarefas domésticas; como resultado da ideologia patriarcal, em vez de dividi-las igualmente entre todos os entes da família, se relega essa atividade apenas as mulheres, o que legitima a exploração e opressão feminina, dentro e fora de casa.

Nenhum dos entrevistados disse sofrer com câibras, sempre tão comuns nos canaviais. Daniel, porém relatou que a câibra:

Quer dar mais não dá, fica assim tipo querendo travar, mas não chega travar a perna, não sei fica duro sei lá (Daniel, migrante, 25 anos).

Apesar de não terem segundo seus depoimentos sentido câibras oriundas do trabalho, três dos entrevistados disseram ter presenciado outros trabalhadores tendo câibras:

Foi um parente meu que teve, ele teve um boso ruim no ônibus [...] ele veio deitado, câibra nas pernas, costela. (Daniel, cortador de cana, 25 anos).

As câibras relatadas pelos trabalhadores que ocorrem no eito dos canaviais “começam, em geral, pelas mãos e pelos pés, avançam pelas pernas até chegarem no tórax, o que provoca fortes dores e convulsões, que se assemelham a um ataque nervoso epilético” (CARVALHO, 2008).

Observa-se que as mortes por exaustão são muitas vezes precedidas de tais câibras. As câibras intensas são decorrentes do ritmo de trabalho exigido no corte de

cana, que leva o trabalhador a demandar o extremo despendido de força do seu corpo para conseguir manter as metas de produtividade e assim conservar seu emprego

Mesmo diante do aumento da produção os cortadores de cana ganham menos. Segundo Santa'Ana (2012) atualmente o salário do cortador de cana corresponde ao valor recebido há dez anos atrás ou é ainda é menor.

A moradia dos sujeitos da presente pesquisa era um espaço onde várias famílias dividiam o quintal, o tanque de lavar roupas e o banheiro. Os cômodos privados eram apenas dois (quarto e cozinha), ou seja são moradias denominadas de cortiço. A fala a baixo exemplifica com mais detalhe as condições precárias dessas moradias:

Eles praticamente não têm nada, tanto que você chega na casa deles e tem que sentar em cima da garrafa. Tem uns que já tem mesa, tem cadeira na casa; tem uns que já estão há mais tempo já tem suas coisinhas geladeira esses eletrodomésticos [...]. Eles estão sempre em busca de alimentação, de aluguel, que paguem aluguel para eles, gás, remédios [...] a gente, às vezes, quando ganha na doação a gente passa pra eles, fogão às vezes geladeira a gente passa, cama, eles vem sem cama, dorme na rede, papelão, muitos deles dorme no papelão, é muito triste a situação, a gente pega situação assim. (Representante da pastoral do migrante)

A representante da pastoral do migrante relatou as difíceis condições de vida dos migrantes: até mesmo a alimentação é um direito negado a esses sujeitos, que tem que recorrer à política de assistência social para tentar garantir condições mínimas de sobrevivência.

Na pesquisa realizada por Santa'Ana⁸ (2013) em municípios de pequeno porte da região de Ribeirão Preto e Franca pode-se constar que trabalhador rural do complexo agroindustrial canavieiro é o principal usuário da política de assistência social e que buscam majoritariamente o acesso a alimentos. Apesar da pesquisa de Sant'Ana não ter tido como foco o trabalhador migrante ele compõe o universo de pesquisa junto com os trabalhadores residentes. Esse dado e a presente pesquisa nos mostra a contradição da sociedade capitalista expressa no seguinte fato: ao mesmo tempo em que as estruturas do complexo agroindustrial são sinônimo de riqueza, tecnologias, são, também, responsável pela extrema exploração do trabalhador que não consegue por meio da venda de sua força de seu trabalho garantir condições mínimas de moradia e de alimentação, o que essencial para qualquer humano.

⁸A pesquisa realizada por Sant'Ana intitula-se "Trabalho e Política Pública: a participação dos trabalhadores do complexo agroindustrial canavieiro na política de seguridade social".

3.2 Por detrás do sorriso: a Vivência do Preconceito pelo Migrante

O bairro onde moram os migrantes entrevistados denomina-se João de Barro e é localizado na entrada principal da cidade. A história desse bairro nasce na década de 1950, fruto da chegada dos primeiros migrantes nordestinos, que vieram em busca de trabalho no corte de cana, na então nascente indústria canavieira de Guariba-SP. O empreiteiro e proprietário Guido Garavelho diante do grande número de migrantes que chegavam à cidade, decidiu-se por abrir novos loteamentos que chamou de Bairro alto, porém, este bairro ficou conhecido popularmente até os dias atuais como João de Barro, em virtude das moradias terem sido construídas com lajotas de barro, comum em estados nordestinos (VETTORASSI, 2007)

Os terrenos desse bairro eram baratos, pequenos, e havia a possibilidade de pagá-los em várias parcelas e, tais características facilitaram a aquisição do terreno pelos migrantes. Segundo Vettorassi (2007) a intenção Guido na verdade era evitar a desvalorização da vila Guaravelho, mais próxima ao centro, pois, se os migrantes ocupassem os terrenos ao redor, ela perderia valor. Como será analisado mais adiante, essa possível desvalorização aconteceria em virtude da imagem negativa que a população “nativa” tem dos migrantes.

Localizado na principal entrada de Guariba, o Bairro Alto é o “cartão de visita”[...], representando a desigualdades sociais e econômicas propiciadas pela modernização das usinas de cana-de-açúcar. A infraestrutura é bastante precária e distinta do resto da cidade. Por ser um espaço diferenciado de outros, o Bairro Alto pode ser considerado um espaço autônomo, um espaço social marcado pelas relações sociais horizontais, bem como pelas relações e lutas verticais entre classes. Para os moradores de Guariba, é o bairro onde vivem os invasores, a gente de maus costumes, violenta e responsável pela desordem urbana. (VETTORASSI, 2007, p.120).

O contato com o bairro na pesquisa de campo se realizou ao entardecer, onde foi possível acompanhar a chegada do trabalho dos moradores: as ruas se enchiam de homens e mulheres carregando o facão e o garrafão de água e, apesar da aparência cansada despendiam-se alegremente de seus companheiros de lida. Pode-se observar que, majoritariamente, são trabalhadores rurais migrantes, que em sua maioria, trabalham no corte da cana.

Mesmos exaustos de um dia de trabalho todos os migrantes entrevistados receberam a pesquisadora e a representante da pastoral do migrante com muita receptividade e com alegria.

Segundo as entrevistas, os migrantes poucas vezes saem do espaço onde residem, exceto para o trabalho no corte de cana. As idas ao centro de Guariba-SP (que é muito próximo do bairro) acontecem somente quando é necessário recorrer à política de saúde, assistência e, para receber o salário. A convivência com os guaribenses praticamente não ocorre. Com exceção de um entrevistado, todos os outros disseram não conhecer, ou não conviver com a população “natural” da cidade. É o que demonstra o trecho a seguir:

Pesquisadora: Você convive com quem é de Guariba?

Olga: Não tem, só com migrante mesmo. A gente tem mais contato com o povo daqui de Guariba quando a gente vai ao hospital, posto de saúde, aí que a gente tem esse contato mais com o pessoal aqui da cidade.

Daniel: Não, a gente convive no trabalho com gente de todos os estados da Bahia.

Pesquisadora: Mas de Guariba não?

Daniel: De Guariba não, na roça não tem

Pesquisadora: E você não chega a ter amizade com quem é de Guariba?

Daniel: Não, a amizade é pouca

Vettorassi (2007) do mesmo modo pode constatar em sua pesquisa o distanciamento existente entre os “nativos” e os de “fora”. Os migrantes entrevistados pela autora evitam ir ao centro da cidade e em outros espaços distintos do trabalho e do bairro onde vivem, mesmo quando moram há muito tempo na cidade. Como é o caso de Robi que há 22 anos residia em Guariba-SP, quando a autora o entrevistou.

Robi entende que “Guariba inteira” limita-se aos bairros periféricos que circundam seu Bairro Alto. Evita outros locais da cidade, e, mesmo em dias de pagamento, é seu filho quem busca o dinheiro no centro da cidade. Robi expandiu seu vínculo de sociabilidade, mas preserva limites quanto aos espaços em que se sentem à vontade e sabe que não foi toda a cidade que se tornou sua morada permanente. (ROBI, trabalhador rural migrante, apud VETTORASSI, 2007, p.139)

Pelas falas dos migrantes colhidas em nossa pesquisa e pelos estudos já realizados compreende-se que o isolamento vivido pelo migrante restringe sua

sociabilidade apenas aos seus semelhantes (outros migrantes). É uma das formas encontradas por esses sujeitos para protegerem-se das manifestações de preconceito que se revelam, muitas vezes, disfarçadas pelo sorriso desdenhoso ou pela brincadeira carregada de estereotipia:

A gente acha ruim porque não conhece ninguém, não sabe quase nada, tem vergonha de falar com gente daqui porque eles gostam de tirar sarro da cara dos maranhense, porque não falam do jeito deles, não come a comida que eles comem, tem preconceito com maranhense. (ANITTA, maranhense, 20 anos).

Ah, sei lá, às vezes a gente tava conversando e eles ficam dando risada não sei se é porque do sotaque da gente. No começo a gente sempre acha ruim, mas depois acostuma. (OLGA, maranhense, 27 anos).

Uma das perguntas realizadas na pesquisa de campo ao migrante foi se ao chegarem a Guariba se sentiram bem vindos pela população nascida na cidade. Com exceção Miguel, todos os outros disseram que não foram bem recebidos, os motivos podem ser analisados a partir da fala de Daniel:

Tem algumas pessoas que ajudam a gente quando a gente chega, mas tem algumas que fica criticando, ah é fulano de tal é maranhense, é aquilo, a gente encontra de tudo gente que acolhe e gente também que fala. (DANIEL, Maranhense, 25 anos).

Pinheiro (2011) ao analisar as condições de vida e trabalho dos migrantes de Serrana-SP, entrevistou em sua pesquisa os moradores nascidos na cidade. Pode constatar que ainda quando moram no mesmo bairro, ou muito próximos, os “naturais” de Serrana-SP dizem não conhecer ou conviver com nenhum migrante. Mesmo assim em suas falas demonstram preconceito a esses sujeitos, como Cláudio que apesar de não conviver com os migrantes lhes atribui um estereótipo negativo:

Por vezes, esses migrantes são vistos com maus olhos. Isto também pode ser observado na conversa com o Sr. Cláudio, que apesar de afirmar achar ser a vida desses sujeitos muito sofrida, pela distância de sua terra e pelas dificuldades encontradas na nova terra, fala com certo ar de preconceito sobre o fato de vê-los com frequência em bares. Afirma também que usam drogas com muita frequência e que esse é um dos motivos que faz ser perceptível quem é serranense e quem é de fora. Diz que os migrantes andam em bandos e que por isso é necessário certo cuidado. (Cláudio, morador de serrana, apud PINHEIRO, 2011, p.69).

Os moradores naturais da cidade tem uma representação generalizada sobre o migrante, “em suas percepções, trata-se de um bando de invasores, gente suja,

portadora de maus costumes, gente violenta.” (SILVA, 1999, p.230). São considerados pessoas dos “países do norte”, “ gente que vem tirar o emprego dos outros”, “ que trabalha por qualquer preço”. A expressão “gente dos países do norte” explicita o quanto o migrante é visto como estranho, como “estrangeiro” no país onde nasceu. (SILVA,1999).

O preconceito dirigido ao migrante não é construído com base na realidade, no conhecimento e na experiência, uma vez que majoritariamente a população “natural” de Guariba-SP não conhece com precisão esses sujeitos e mesmo assim, lhe dirigem estereótipos negativos. Albuquerque (2007) entende que o preconceito é:

Breve descrição, uma assertiva, ou um conjunto de afirmações que definirá previamente e definitivamente, antes que qualquer contato em busca de conhecimento se faça; e o que é pior e mais problemático, é que nenhum contato conseguirá, muitas vezes, desfazer ou questionar a definição previamente dada. É a estas definições prévias, definições ou descrições que não advêm do conhecimento do outro, que chamamos de preconceito. (ALBUQUERQUE, 2007, p.10).

Os sujeitos desta pesquisa além de sofrerem preconceito por serem migrantes, também são discriminados pela sua origem geográfica, porque em sua maioria são oriundos da região nordeste do país. No Brasil o preconceito por origem geográfica marca profundamente os nordestinos, população que é muito diversa entre si, porém, é tida pelas outras regiões (principalmente sul e sudeste) como se fosse uma massa homogênea de flagelados, miseráveis, que saem de seus estados para tirar o trabalho das pessoas de outras regiões, são vistos com desprezo, medo ou comiseração. (ALBUQUERQUE, 2011).

Estes preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições no campo econômico, no campo político, no campo cultural, no campo militar, no campo religioso e nos campos de costumes e ideias.(ALBUQUERQUE,2007,p.11).

O preconceito se expressa também na hostilidade da população “natural” aos migrantes, como exposto por Olga, e pela Irmã Marilda. Muitas vezes, por serem migrantes não são bem atendidos nos espaços públicos como, por exemplo, o da saúde. Nesses casos a estratégia utilizada é recorrer a pastoral do migrante, para intervir na situação:

Representante da pastoral do migrante: Semana passada mesmo veio um aqui, que às vezes eles querem... às vezes eles não são bem atendidos lá e eles vem atrás de nós, ai a gente conversa com as pessoas responsáveis de lá, e já atendem bem, mesmo para quando é pra médico assim , elas vão lá duas três vezes e não são bem atendidas.

Pesquisadora: Mas porque não são bem atendidas?

Representante da pastoral do migrante: Muitas vezes por ser migrante mesmo..mas ai quando eles percebem que a gente vai lá e fala olha eu sou da pastoral do migrante, que conhecem a gente, quase todo mundo conhece a gente aqui, ai eles já atendem melhor [...].

Os migrantes têm seus direitos negados, como relatado por Olga que teve seu acesso a política de assistência social recusado por ser migrante.

Tipo assim, a primeira vez que eu fui me perguntaram por que eu tava aqui, daí eu falei que lá (Maranhão) não tinha oportunidade de emprego, daí eles disseram que a prefeitura não esta agüentando nem os daqui quanto mais os de fora, daí eu voltei pra casa, e não voltei mais lá. (OLGA, maranhense, 27 anos).

A violação de direitos dos migrantes também foi relatada pela representante da pastoral, que segundo as informações que recebeu de uma assistente social do CRAS, a prefeitura de Guariba-SP tem a intenção de reduzir os benefícios sociais aos migrantes, com objetivo de diminuir sua vinda para a cidade. Essa informação, expressa o desrespeito ao direito de acesso as políticas sociais, assim como a restrição do direito civil de ir e vir, tendo em vista que o objetivo da redução dos benefícios assistenciais é evitar a vinda dos migrantes a Guariba-SP.

Representante da pastoral do migrante: porque alguma assistente falou pra mim que muitas vezes eles estão ratificando as coisas pro migrante para que os migrantes não venham pra cá, então ela falou assim, às vezes a gente não dá pra intimidar um pouco eles pra eles não virem pra guariba uma falou isso pra mim, e outra vez que aconteceu discriminação, uma falou assim pra mim quando tava na época de política que ela foi lá pra ver a questão da cesta básica que ela tinha feito uma cirurgia que o marido tinha gastado muito com essa cirurgia, e que tava faltando comida em casa, que ela foi lá pra vê, pedir uma cesta básica, eles falaram..pediram o título dela e como ela falou que o título dela era do maranhão, o do marido dela era daqui, e eles falaram que não iam dar a cesta pra ela porque o título dela não era daqui.

Pesquisadora: Ela foi no CRAS⁹?

Representante da pastoral do migrante: Aqui na assistência social, essa que falou pra mim que ia ratificar as coisas pra eles é do CRAS, é a assistente do cras que falou,mas essa parte de negar de pedir o titulo é foi no fundo social, pediram o titulo, eles pedem o titulo, se não for daqui...

Prado e Machado (2008) apontam a relação existente entre o preconceito e a negação de direitos. Segundo os autores o preconceito além de ser um mecanismo fundamental de inferiorização social, também é responsável pela produção de concepções ideológicas que questionam a legitimidade de direitos a determinados segmentos da população.

Um dos pontos marcantes das entrevistas foi quando o preconceito ao migrante se estendeu as crianças, principalmente na escola. Olga relatou que seus filhos não gostam de ir à escola, pois nesse espaço são chamados por outras crianças de “maranhenses”, de “cabeçona”.

A representante da pastoral do migrante também relatou a vivência do preconceito no âmbito da escola: o preconceito se concretiza pela rejeição dos alunos que nascem em Guariba para com os alunos migrantes. Diante dos relatos pode-se dimensionar o impacto do preconceito na infância, chegando ao ponto das crianças migrantes tentarem esconder sua identidade:

[...] na escola eles sofrem muito [preconceito], as professoras mesmo falam, que sofrem muito as outras crianças rejeitam eles, né? Muitos deles acabam mentindo que não ser maranhense para não ser excluído.
(Representante da Pastoral do Migrante)

Como ponderado por Adorno e Horkheimer (1973) determinados contextos sociais influem positivamente para o aumento e intensificação do preconceito. O sistema capitalista que tem em sua base de sustentação a desigualdade exerce grande pressão sobre os indivíduos, que constantemente vivem ameaçados de perder o emprego, de não ter moradia, saúde, alimentação, ou seja, condições necessárias a manutenção da vida. O capitalismo instaura uma constante insegurança nas pessoas, o que corrobora para que o outro e principalmente o de “fora”, o “diferente” seja visto como concorrente e detentor de características negativas, terreno fértil para a germinação do preconceito.

⁹ Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CRAS). É uma unidade pública da política de assistência social, responsável por ofertar e organizar serviços de proteção social básica nas áreas de vulnerabilidade e risco social.

A pesquisa de campo evidenciou que os migrantes sofrem preconceito na cidade de Guariba-SP, e que isso tem forte impacto da vida desses sujeitos. Diante dessa realidade, o retorno para o lugar de onde vieram se torna mais que saudade, mas sentido de pertencimento a um determinado lugar. Pelo desejo de voltar expresso nas entrevistas e pela realidade analisada nessa pesquisa, pode-se compreender que a volta também significa poder deixar de ser mais motivo de chacotas, de críticas, e de olhares discriminatórios.

Considerações Finais

A presente pesquisa pode evidenciar o preconceito sofrido pelo trabalhador rural migrante do município de Guariba-SP. O preconceito a essa população é historicamente presente, marcando a vinda dos primeiros migrantes para o trabalho no corte de cana, pois como exposto, essa população foi isolada em um bairro periférico como forma de proteger o valor e a “imagem” dos bairros centrais.

O preconceito perpassa a vida desses sujeitos, estando presente no espaço escolar, nos espaços públicos e na convivência social. Em suas falas foram reveladas as manifestações de preconceito por eles sofridas, expressas nos estereótipos negativos que lhe são atribuídos, na negação de seus direitos sociais, e na hostilidade da população natural de Guariba-SP.

Evidenciou-se assim como em pesquisas anteriores (VETORRASSI 2007, SILVA 1999, PINHEIRO 2011) o isolamento geográfico e social vivido pelos migrantes. Majoritariamente estes têm sua sociabilidade restrita à convivência com outros migrantes. Esse isolamento geográfico é expresso pelo fato dos sujeitos entrevistados raramente frequentarem espaços que ultrapassam as mediações do bairro em que vivem.

As condições de trabalho no corte de cana (apesar de algumas mudanças elucidadas nesse estudo) são extremamente precárias, com metas de produtividade desumanas (de doze a quinze toneladas diárias). As condições de vida dos migrantes são caracterizadas pela miséria: moram em lugares precários e não auferem sequer o básico para garantir condições de alimentação, o que os leva a recorrer a política de assistência social.

Reafirma-se o pensamento de Heller (1995): o preconceito é moralmente negativo, pois reduz a possibilidade de escolhas históricas dos indivíduos impedindo sua autonomia e liberdade, estigmatizando, segregando e oprimindo pessoas por sua raça, etnia, lugar de origem, religião, etc. Salienta-se a importância de buscar caminhos

contra a discriminação na sociedade, pois “Todos os preconceitos são anti-humanos e devem ser combatidos” (MESQUITA; MATOS, 2011, p.134).

Adorno (1995) em sua reflexão sobre como evitar que o horror de Auschwitz ocorra novamente, defende a importância da educação, porém não uma educação qualquer, mas sim a que propicie a uma auto-reflexão crítica. Entende-se que a educação como analisado é um caminho fundamental para a formação de sujeitos que não pautem sua visão de homem e de mundo no preconceito contra o outro, porém como salientado por Heller (1985), apenas com a superação dessa sociedade, que tem em sua dinâmica a limitação da capacidade crítica do homem sobre a realidade, será possível eliminar socialmente a rigidez do sistema de organização dos preconceitos, assim como a discriminação objetivada por meio dele.

Referências

ADORNO, T. W. **Educação após Auschwitz**. In: Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

ALVES, F. Porque Morrem os cortadores de cana? **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 15, ano 3, Pg.90-98,set/dez., 2006.

ALVES, F. **Migrações de trabalhadores rurais do Maranhão e Piauí para o corte de cana em São Paulo**: será um fato casual ou recorrente da estratégia empresarial do Complexo Agroindustrial Canavieiro? IN: Migrantes: trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (os heróis do agronegócio): EdUFSCar, 2007.

CARMO; SAT'ANA **As condições de trabalho no Setor Sucroalcooleiro**. In O avesso do Trabalho II: Trabalho, Precarização; e Saúde do Trabalhador. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

CARVALHO, T.A. Os trabalhadores do setor sucroalcooleiro. **PUC Viva**, São Paulo, n. 33, out.2008. Disponível em:<<http://www.apropucsp.org.br/aporpuc/index.php/revista-puc-viva/39-edi%C3%A7%C3%A3o-33/425-os-trabalhadores-do-setor-sucroalcooleiro>>. Acesso em: 19/05/2012.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

HORKHEIMER, M.; ADORNO,T. (orgs.) **Temas básicos de sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973

IAMAMOTO, M. V. **Trabalho e indivíduo social**: um estudo sobre a condição operária na agroindústria canavieira paulista. São Paulo: Cortez, 2001.

IBGE. **Economia:** produção agrícola municipal: PAM. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pam/2011/default.shtm>>. Acesso em: 24 jan. 2013.

IBGE. **Indicadores:** produção agrícola: tabela: **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. dez. 2012.** Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/lspa/lspa_201212_4.shtm> acesso em: 22 jan. 2013.

IBGE. **Cidades:** Guariba São Paulo: informações estatísticas: lavoura temporária. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>acesso em: fev,2012.

IBGE. **Sala de imprensa:** Produção Agrícola Municipal- 2011. Disponível em:
http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2246&id_pagina=1 acesso em: fev, 2012.

IBGE-**Censo agropecuário:** resultados preliminares 2006. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/agropecuario.pdf>> acessado em 11/11/13.

IBGE- **Censo Demográfico:** 2000- Tabulação Avançada- Resultados Preliminares da Amostra. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/08052002tabulacao.shtm>>
Acessado em: 10/03/2013.

MACHADO, F. V.; PRADO, M. A. **Preconceito contra homossexualidade:** a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** 4 ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K. O capital: crítica da economia política: livro 1. 2v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005. Ed. 20.

MACHADO, F.V.; PRADO, M. A. **Preconceito contra homossexualidade:** a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

ORTIZ, F. G. **O desemprego sob a ótica marxiana:** revisitando a lei geral da acumulação capitalista. 2005. Disponível em:
<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos2/Fátima_da_Silva_Grave_Ortiz.pdf> acessado em 13 dez 2013.

PINHEIRO, I, C. **De onde vêm e porque vão:** uma análise das condições de vida e trabalho do cortador de cana migrante do município de Serrana. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Franca-SP, 2011.

SANT'ANA, R. S. **Trabalho bruto no canavial**: questão agrária, assistência e Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2012.

SANT'ANA, R. S. **Trabalho e política pública**: a participação dos trabalhadores do complexo agroindustrial canavieiro na política de seguridade social. Relatório do projeto - CNPQ 2013. (separata).

SILVA, M. A. M. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

SILVA, M. A. M. Introdução. In: Faccioli (orgs.), in: **Vozes do eito**. Guariba-SP. Eco das letras, 2009, a.

SILVA, M.A. M. **Se Eu Pudesse, Quebraria Todas As Máquinas**. In: Antunes, R.; Silva, M.A. M. (org.) O avesso do trabalho. São Paulo. Cortez, 2010.

SILVA, M. A. M. **Expropriação da terra, violência e migração**: camponeses do nordeste do Brasil nos canaviais paulistas. 2011. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2020/maria%20aparecida.pdf>. Acessado em: 19/11/2012.

SILVA, M. A. M. **A luta pela terra: experiência e memória**. São Paulo: Unesp, 2004.

VETTORASSI, A. Partindo para a cidade garantida e proibida. In: NOVAES, J.R; ALVES F. (Org.). **Migrantes**: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio). São Carlos: Edufscar, 2007.